



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talha — Lisboa — Telefone 1
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A GREVE FERROVIÁRIA DO SUL E SUESTE

SUAS CAUSAS

Da exposição que fizemos no artigo anterior, resulta a conclusão de que o governo procedeu da maneira mais impolítica que um governo poderia proceder, numa questão da importância desta que o debate.

O governo, porém, composto por homens que desconhecem os serviços ferroviários por completo, entregou-se nas mãos do Conselho de Administração, deixando de enveredar pelo caminho da discussão serena e conciliatória, como a situação lhe impunha. Dai os erros tremendo até hoje cometidos, erros crassos, dignos de lamentação.

Não tem o ministro desculpa alguma, porque muito a tempo lhe denunciaram as intenções do Conselho, sem que as nossas indicações fossem tomadas em consideração.

Inúmeras vezes declaramos ao governo que as reclamações não foram formuladas taxativamente, convidando o pessoal e ao país que a sua discussão se fizesse sem demora.

Tais declarações foram sempre repudiadas, reconhecendo nós nas palavras do sr. Velhinho Correa a coacção que sobre ele estava sendo exercida por quem, aproveitando a sua hesitação e os seus reduzidos conhecimentos sobre legislação ferroviária, o impelia contra o pessoal, para satisfazer os seus fins reservados.

Mais duma vez provámos ao ministro que éramos os primeiros a não desejar o movimento, que sempre julgámos possível de evitar. Realizada a última demarcação conciliatória, tentámos salvar a situação, correspondendo o pessoal ao nosso desejo com a aprovação duma plataforma, que ao governo foi entregue, representado na sessão magna do dia 20 de Setembro p. p. pelo sr. major Tavares de Carvalho.

Como a classe exigisse a retirada das forças de ocupação, injustificadamente mantidas no Sul e Sueste, o governo entendeu que o melhor caminho era o da violência, pelo que resolveu não só mantê-las, como apertar as medidas de precaução anteriormente adoptadas, o que deu em resultado uma ruptura de relações entre o pessoal e o ministro do comércio.

Isto era uma sequência das informações tendenciosas do Conselho de Administração dos Caminhos de Ferro do Estado, que levou o próprio presidente do ministério ao convencimento da eficácia que resultaria da adopção de medidas extremas contra os ferroviários, acusados de alimentarem intuídos de subversão social que convinha por termo.

Sem mais hesitações, o sr. António Granjo, esquecido de quando afirmara anteriormente, fez publicar um decreto vexatório e repressivo, militarizando os serviços e entregando a sua direcção ao comandante do batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro.

Foi esse o último gesto do governo e a prova cabal da sua falta de tacto político e administrativo.

Evidentemente que os resultados se fariam esperar, a não ser que a dignidade de cinco mil homens e a honra duma classe fossem consideradas como coisa de valor.

A greve está pois plenamente justificada e só com ela podem os inconscientes, os ignóbeis ou os que reservadamente alguma coisa, moral ou material, tem a ganhar com a sua liquidação desastrosa.

Outro aspecto, porém, tem esta questão. A falta de negociações que se tem acentuado, desde a declaração do movimento. Porque? Porque a situação moral do governo é precária perante a opinião pública, razão que o levou a lançar mão de quanto pôde para alienar essa opinião pública e para os ferroviários, criando uma atmosfera que lhe seja pro-

De terras de África

A greve geral — Os grevistas dos Caminhos de Ferro e do porto de mar rendem-se sem condições — A tirania em acção: foram deportados 27 operários

LOURENÇO MARQUES, 12 de Setembro

Acaba de cair o pano sobre a tragédia em que degenerou o movimento ferroviário. De tragédia se pode classificar, porque, de facto trágico foi o final, com se pode dizer da deportação, sem culpa formada, de vinte e sete trabalhadores, para uma região mortífera, e a entrega sem condições da classe ferroviária.

A menos que um epílogo desconhecido, mais ameno ou mais terrível *Vae victis!* — sobrevenha, posso descrever já mais este infeliz movimento. Ou, melhor, passo a relatar, do *Emancipador*, resumindo, o que é, e foi, completando assim os informes já enviados, em que fiquei no anúncio da proclamação da greve geral:

A greve geral — Declara-se o estado de sítio

Na manhã de 5 de Setembro foi a ausência de carros eléctricos que denunciou a existência da greve geral. Chamavam ao mesmo tempo a atenção geral, por estarem profundamente afixados, um suplemento ao *«Boletim Oficial»* declarando o estado de sítio, entregando o governo da cidade, subordonado ao Governo Geral (1), ao chefe do Estado Maior, cominando várias personalidades aos desobediências, e declarando em vigor a portaria n.º 621 que constitui a brigada militar dos Caminhos de Ferro, e dois editais do chefe do estado maior dispondo várias coizações e loias que são praxes habituais nestes momentos e convocando para serviço a citada brigada.

Nas repartições públicas

Os primeiros serviços do Estado a manifestar-se foram a Imprensa Nacional e as oficinas metalúrgicas do Pântano, devido a ser às 7 horas o início da sua laboração, tendo o pessoal acatado a deliberação das Associações das Artes Gráficas e Metalúrgicas, duas das signatárias da proclamação da greve, e resolvendo, por isso, não trabalhar.

O pessoal da Imprensa Nacional resolveu reunir imediatamente para apreciar qual devia ser a sua atitude em face da situação. Congregados todos os quadros todos os componentes do pessoal, segundo nos informaram, efectuou-se essa reunião pouco depois das 9 horas, logo que foi possível saber-se a atitude da restante classe na indústria particular e do restante funcionalismo, constando que este estava em plena laboração, e que, dos gráficos da indústria particular, só havia parado a secção portuguesa da tipografia Bayly, negando-se a secção inglesa a agir sem ordem da South African Typographical Union. Em face disto o pessoal da Imprensa Nacional decidiu limitar a sua atitude a uma afirmação de protesto, enviando esse protesto ao chefe do Estado Maior, e que segundo a cópia que nos foi enviada, é assim concebido:

Ex.º Sr. Chefe do Estado Maior: — Tomou o pessoal da Imprensa Nacional, hoje, uma atitude, que julgou ditada pelos seus deveres de solidariedade para com a classe ferroviária, e como forma de protesto contra prisões ilegais efectuadas. Entende o pessoal da dita Imprensa, que uma vez existente na nossa legislação o direito à greve, e pretendendo os ferroviários fazer a greve após as comunicações devidas e dentro do prazo legal, os poderes constituídos exorbitaram, detendo, sem culpa formada, um relativo número de ferroviários.

O pessoal da I. N. poderia dizer simplesmente que não trabalhou hoje devido aos poderes constituídos terem ofendido a lei, o que juridicamente teria um certo peso se se quizesse julgar os acontecimentos sob um critério de justiça. Mais francamente, porém, nós afirmamos que o nosso gesto foi ditado pelo desagrado com as medidas violentas de que se lançou mão.

Infelizmente o nosso gesto foi um gesto isolado entre o funcionalismo, e como isolado o reconhecemos, entendemos não dever levar mais longe a nossa atitude, mantendo-nos aliás na expectativa, esperando que o Governo Geral desfira a dolorosa impressão produzida pelas prisões arbitrariamente levadas à prática.

Pelos motivos apontados, resolveu o pessoal da I. N. na sua reunião de hoje efectuada às 9 horas da manhã, retomar o trabalho, salvo qualquer atitude nova do restante funcionalismo, esperando que a nossa atitude seja apreciada com serenidade e espírito de justiça que para desejamos ardentemente se estabeleça no presente, para rápida, honrosa e humana solução do actual conflito. — Lourenço Marques, 6 de Setembro de 1920. — O Pessoal da Imprensa Nacional.

Quanto às oficinas de Pântano, foram declaradas encerradas pelo Governo.

Na indústria particular Durante a greve geral

Na indústria particular só se manifestou de um modo ostensivo a metalurgia, que é, aliás, a única indústria local de importância, notando-se ainda a paralização dos automóveis.

No resto, a cidade tinha o seu aspecto normal, não sendo muito notório, mau grado o estado de sítio, o trânsito de forças militares, e conservando-se abertamente, embora com pouca concorrência, as casas comerciais, de que só algumas, uma vez por outra, pareceram reflectir a situação.

No segundo dia da greve geral, em que a situação foi a mesma do dia 5,

Ficam sem trabalho milhares de operários

Quais as consequências deste estado de coisas?

Foram suspensas no sábado as construções a cargo dos mestres de obras não diplomados, ficando assim sem trabalho milhares de operários.

Vamos assim de mal a pior, não havendo neste país quem trate com s.º questões tão graves como esta, pouco se incomodando que sejam lançados à miséria milhares de operários, ninguém podendo prever as consequências que daí advirão.

A atitude de quem tem obrigação de zelar pelo bem-estar do país — pelo menos assim se rotulam os estadistas — de nota bem incompetência, deixando chegar a situação do povo a um estado desgraçado.

Não basta a ganância desmedida dos assambarcadores, que provocam os constantes movimentos pró-aumento de salário, sem que os governantes lhe ponham um freio ou empreguem aquela força tam de uso para o operariado, que ainda, para cúmulo, não providenciaram no sentido de evitar que se chegue ao ponto de se suspenderem obras onde tantíssimos operários empregam a sua actividade, procurando ganhar o pão para si e para suas famílias.

Entretendo-se em ninharias políticas, sonhando em pretensos movimentos revolucionários, empregando todos os esforços para se aguentar no poder, descurando o governo problemas da máxima importância, colocando-os em plano secundário, como se eles não lhe merecessem um estudo sensato e criterioso.

Diz-se que não se produz, quando a todo p.º em entraves, excepção feita à elevação desenfreada do preço dos artigos de primeira necessidade, à qual dão campo largo; acusa-se o operariado de não querer trabalhar, e não obstante é obrigado a conservar-se inactivo porque lhe fecham as obras em virtude de não quererem atender a uma situação instável.

Que pretende fazer o governo, ou quem nisto superintende, a esses milhares de operários que ficaram sem trabalho?

Esta gente, decididamente, perdeu a noção de que todos temos direito a viver, embora a custa de quantos sacrificios e de trabalho mal remunerado, e que não podemos estar sujeitos a tanta insensatez.

Da Comissão profissional dos pedreiros recebemos a seguinte nota:

Para tratar da sua situação, devem reunir hoje, pelas 11 horas da manhã, os operários pedreiros das obras cujos mestres não diplomados se viram forçados a suspender por falta de crédito.

A luta social em Espanha

E' ferido gravemente o presidente da confederação patronal

MADRID, 10. — O presidente da confederação patronal foi atacado a tiro por desconhecidos tendo ficado gravemente ferido. — *Rádio*.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Operários alfaiates

Reúnem amanhã em assembleia magna, os operários alfaiates, para apreciar as respostas dos industriais.

Antes da ordem dos trabalhos foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões: 1.º Saudar na C. G. T. como legítima representante do operariado organizado, todas as classes em luta; 2.º Protestar contra os ataques às parcas liberdades consignadas no estatuto do país.

Na ordem dos trabalhos foram lidas as respostas de 34 industriais, os quais oferecem, respectivamente, ao pessoal interno e externo, 15 e 30 % de verificação de que foram as firmas mais importantes que responderam, falando sobre esses documentos vários camaradas e votando-se por unanimidade uma moção com as seguintes conclusões: 1.º Manter íntegras as reclamações que aos industriais foram apresentadas em 3 do corrente; 2.º Que seja declarada a greve em princípio; 3.º Que sejam criadas oficinas sindicais para funcionarem em todos os sindicatos (sendo a primeira a montar no nosso sindicato), se for necessário recorrer à greve em definitivo.

Foi aprovada em conjunto com esta moção uma proposta para que se marcasse um prazo de oito dias para as negociações com os industriais, e um voto de confiança à comissão de melhoramentos.

Terminados estes trabalhos foi apresentada pela comissão de melhoramentos à assembleia, a seguinte proposta: «A classe não aceita aumentos de salários que não sejam autorizados pela comissão de melhoramentos».

Esta proposta foi aprovada por unanimidade, encerrando-se a sessão depois duma bela palestra sobre o motivo porque o operariado reclama aumento de salário, feita pelo presidente, aos vivos a C. G. T. e a *Batalha*.

ver uma manifestação ao governo. Não será esta provocação motivo para, novas lutas? Parece-me que sim — *malgré tout...*

N. D.

AS GREVES

Mantem-se a dos ferroviários devido à intransigência do governo

Apesar de toda a gente reconhecer que a greve ferroviária está causando graves prejuízos ao país, apesar de o próprio governo o constatar nas notas oficiais que envia para a imprensa, não se resolve o mesmo governo a atender as conciliatórias intenções das classes em luta.

Demonstraram sempre os ferroviários a sua boa vontade em tratar das suas reclamações sem lançar-se num movimento que bem sabiam ir lesar os interesses da população. Mas devido às violências empregadas pelo governo, colocando nas estações e por toda a rede, forças militares, militarizando mesmo todos os serviços, levou a indignação a uma classe que se presa de ter dignidade, proclamando a greve como protesto ao procedimento do governo.

Não se podem, pois, assacar aos ferroviários, as responsabilidades do que se passa. O pouco tino dos dirigentes prova que eles é que tem provocado as questões a que vamos assistindo. E enquanto não se mudar de processos, não vemos que o conflito se resolva.

Nota oficial

Do Comité Central dos Ferroviários de Portugal

A situação é a mesma dos dias anteriores. Em todas as linhas se mantém a greve. As notícias sobre normalização de serviço não são exactas.

Na Companhia Portuguesa o pessoal mantém-se unido como no primeiro dia. Em contrário de uma correspondência do Barreiro, no *«Diário de Notícias»* de ontem, em que se afirmava terem-se apresentado ao serviço os mestres das oficinas e os escriturários do movimento, pode este comité garantir, sem receio de desmentido, que apenas se apresentou um mestre e um escriturário do movimento, classificado para chefe de secção.

O governo continua intransigente, prolongando-se por esse motivo a solução do conflito.

Notas várias

A despeito de alguns jornais terem publicado a notícia de serem postos em liberdade alguns ferroviários da C. P. por nada se ter apurado contra eles, o certo é que ainda se encontram, há 7 dias, no calabouço n.º 8 do governo civil, 16 ferroviários, que foram presos pelo alferes Mendes, de infantaria 11, quando uns faziam compras na Praça da Figueira e outros passavam casualmente na rua da Betesga.

Ainda não foram interrogados e até o oficial de serviço no governo civil não os queria receber quando a guarda republicana ali os levou.

Operários municipais

Reúnem amanhã com grande concorrencia as classes em greve.

Além do vário expediente, foi apreciada uma nota do comité central da greve a qual foi muito ovacionada.

Foi recebido um ofício da Associação dos Cortadores, comunicando que na próxima terça-feira convocariam uma reunião da classe, para assim se pronunciarem sobre o caminho a seguir por espírito de solidariedade para com esta classe.

Em seguida falou um delegado das classes marítimas, o qual comunicou que esta classe está na disposição de, depois do seu conflito solucionado, não transportar qualquer matéria respeitante a nossa classe municipal sem que seja também resolvido o seu movimento.

Também falou um delegado da comissão pró-presos, o qual disse que o sr. secretário da polícia de segurança do Estado, lhe comunicou que todos os presos que tenham matéria criminal irão responder ao Tribunal da Boa-Hora e os restantes serão postos em liberdade. Aos presos tem sido fornecida comida e tabaco diariamente pela comissão, tendo esta recebido duma quebra tirada na assembleia de anteontem a quantia de 2325 para tal efeito.

A sessão foi encerrada no meio de grande entusiasmo.

Hoje, reúne, pelas 14 horas, em assembleia magna, todo o pessoal, na sede do Sindicato dos Operários de Limpeza e Sanidade Pública, na travessa da Água de Flor, n.º 16, 1.º

Do Comité Central da greve recebemos a seguinte comunicação, dirigida aos operários em greve:

Camaradas. — Este comité regosija-se bastante com a vossa atitude, pois que reconhece que vós não vos atemorizais com esses papéis com que a ex.ª Câmara nos quer meter medo, mas que nós os sabemos desviar com repugnância, pois que já os conhecemos há muito.

E vós, assim como todos os leitores de *A Batalha*, deveis estar regosijados com a esmerada limpeza que se verifica por toda a cidade, sendo a Câmara Municipal a única a quem cabe toda a responsabilidade de tudo quanto tem sucedido e estará para suceder, devido à sua intransigência, não querendo entrar em negociações para a solução do conflito.

Que vós camaradas vos porteis sempre como fendes portado até aqui, pois que já os próprios chefes de estação e inspectores de zona (alguns) dizem que se nós continuarmos no mesmo pé, a vitória caberá ao pessoal e não aqueles que nos pretendem ver cabalisados entrar no desempenho dos nossos misteres.

Portanto, camaradas, sede unidos, e assim teremos a vitória do nosso lado.

Não vos atemorizeis com a nova incriminação, com o despedimento, assim como com a última burla de reduzir o quadro do pessoal, e ser dado o serviço por empreitada a mestres particulares.

Mais uma vez se previnem as comissões de vigilância para que desempenhem os seus cargos com o máximo rigor e prudência, cargos estes a elas confiados pela assembleia.

Camaradas, este comité grita-vos com regosio: *Avante pela nossa causa, que é o pão das nossas companheiras e dos nossos filhos! Viva a greve geral dos operários municipais!* — O comité central.

Continua a dos chauffeurs

No mesmo pé se mantém a greve dos chauffeurs, não obstante ter havido uma conferência com o presidente do ministério da qual parecia que esta entidade resolveria o conflito, demonstrando, porém, pouca vontade em o solucionar.

A classe reuniu ontem em assembleia magna deliberando continuar na mesma atitude até que justiça lhe seja feita.

O respectivo comité enviou-nos a seguinte comunicação:

«O Comité da classe dos chauffeurs saiu a classe pela demonstração brilhante que tem dado, a despeito da meia dúzia de traidores que pretendem fazer cair a classe no lodçal».

Protesta, energeticamente contra a local inserção no jornal *A Capital* de 8 do corrente, em que, insidiosamente, quer fazer ver que a classe anda acorrentada a uma dúzia de *meneurs* (sic), local que este comité qualifica, de tendenciosa e de má fé.

A ratificação da greve feita pela classe na sessão magna realizada ontem, em resposta à pouca vontade governamental de solucionar o conflito, é motivo bastante para que continue no caminho iniciado e castigue com o devido nojo os *«amarallos»* que, atraíndo as camaradas em luta, atraíam a sua própria causa.

Chauffeurs: este Comité tem em suas mãos os elementos necessários para conseguirmos a vitória.

Continua a greve, faremos vingar as nossas reclamações.

Viva a greve geral dos chauffeurs. Avante pelas nossas reclamações.

O movimento das classes marítimas

Mantém-se a greve geral das classes marítimas.

A comissão de entrevistas esteve esta noite novamente em conferência com o presidente do ministério; não sabendo nós, até à hora de escrever esta notícia, qual o resultado para o transmitir aos nossos leitores.

Notas de além fronteiras

Os independentes alemães e as condições de Moscú

Os socialistas independentes da Alemanha protestam indignadamente contra as 18 condições ditatoriais entregues por Lénine à delegação alemã na Rússia.

A este respeito escreveu o órgão do partido em Dusseldorf o seguinte: «Não sabemos senão devemos indignar pela sua intolância fanática ou sorrir pela ingenuidade com que as condições são impostas».

«A unidade de acção do proletariado mundial não será imposta por uma disciplina militar; unicamente resultará da disciplina voluntária e esclarecida dos operários socialistas convictos. Não duvidemos que haja na Alemanha quem admire a disciplina militarista da *perine de ac cadaver* e que pense arvorar-se em Lénine ou Trotski; mas para isso é preciso não esquecer, que são necessários dois factores: dum lado os ditadores, e do outro massas dispostas a suportá-los. As condições da Terceira Internacional não podem ser discutidas, ainda que contenham algumas indicações preciosas para a luta política».

Na realidade concordamos com todos estes comentários feitos às imposições autoritárias vindas de Moscú, mas unicamente o que nos indigna é encontrá-las na boca daqueles que estão sempre prontos a adiar ou evitar qualquer movimento que tenha por fim destruir a mil vezes mais revoltante e indigna ditadura da corrupta burguesia.

O movimento socialista nos Balcãs

Foi pelos princípios deste século que se constituiram na Sérvia e na Bulgária os primeiros partidos social-democratas, fracos ao princípio, mas com grandes esperanças no futuro.

Na Grécia e na Roménia começaram ao mesmo tempo a agitar-se alguns socialistas, mas, apesar disso, não conseguiram lançar bases a qualquer organização séria e sólida.

Foi só a guerra com todos os seus horrores e mantanças, que fez despertar a consciência dos trabalhadores destes 2 últimos países, e que lhes fez ver que a injustiça social e as razões pelas quais se batiam sob as ordens da plutocracia burguesa.

Na Sérvia e na Bulgária já antes de 1914 estavam as ideias socialistas bastante espalhadas, mas foi sobretudo durante a guerra e depois do armistício que elas se propagaram pelos quatro países balcânicos, acorrendo os operários aos milhares a escutar a voz dos propagandistas revolucionários.

Os partidos socialistas dos 4 países, aderiram já à Internacional de Moscú, e o da Grécia colabora com a C

